

Palabras clave: Enseñanza - Diseño - Proxemia - Bibliografía - Objeto.

Abstract: This article focuses on the retrieval of the bibliography on the Proxemia focusing on three-dimensional objects used in the region near the housing of each student of the subject, having as a methodology the recording of their trajectories and the possibility of analyzing the identification of information hidden from a territory in a particular route. A panel of reading the records of some students selected during a specific period of teaching and the recovery of

some urban poetics, as well as a new form of field research in the design and its possible deployments of action outside the university.

Keywords: Teaching - Design - Proxemia - Bibliography - Object.

(*) **Jorge Langone.** Professor do quadro complementar do curso de Design da PUC-Rio de Janeiro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Design, Mestre em Design pela PUC-Rio e Bacharel em Artes Plásticas pela UERJ.

A evolução do setor de serviços na moradia brasileira: espaço em transformação

Actas de Diseño (2019, diciembre),
Vol. 29 pp. 78-85. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: mayo 2014
Fecha de aceptación: mayo 2016
Versión final: diciembre 2019

Sônia Marques Antunes Ribeiro (*)

Resumo: O tema do artigo é o setor de serviços, exceto a cozinha, na moradia brasileira. Conhecer sua evolução desde o Brasil colonial, impactos e necessidades, é o objetivo. Pressupõe-se que este setor começou a ser redesenhado no fim do século XIX, não apenas devido ao fim da escravidão, que levou a nova forma de morar, mas em decorrência de tecnologias destinadas aos serviços diários, fruto da Revolução Industrial. Quanto à relevância do assunto, o setor de serviços foi um espaço residencial desprestigiado que com o tempo sofreu alterações e tornou-se objeto de projetos por designers de interiores e arquitetos.

Palavras chave: Setor de serviços - Evolução - Moradia - Necessidad - Design - Design de interiores.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo em p. 85]

1. Introdução

O tema do artigo é o setor de serviços na moradia brasileira, com ênfase em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, fundada na última década do século XIX, abordando a área de serviço –exclusiva a cozinha, objeto de pesquisa específica– e o alojamento de empregados. Conhecer a evolução desses espaços, desde o Brasil Colônia, identificando impactos sobre esses ambientes e demandas decorrentes, é o objetivo da pesquisa. Parte-se do pressuposto que este setor passou a ser redesenhado a partir do fim do século XIX, não apenas pelo fim da mão de obra escrava, que acarretou uma nova forma de morar, mas em decorrência de novas tecnologias destinadas aos serviços diários, fruto da Revolução Industrial, o que abriu espaço para a atuação do designer de interiores. Nas casas, o antigo terreiro ou quintal, onde se lavava, quarava e secava a roupa, cedeu lugar, muitas vezes, ao lazer com piscina e churrasqueira, sendo reservado um local para a área de serviços ou lavanderia. Ocupando espaço reduzido no projeto residencial, em especial nos prédios de apartamento, “[...] a área de serviço centraliza os serviços de limpeza da casa, ou seja, atividades de lavagem, secagem, passagem e armazenamento”, fundamentais para o bom andamento das atividades diárias numa moradia. Já o alojamento do empregado doméstico, que se

seguiu à senzala, com o fim da escravidão, composto por quarto e banheiro, tende a sobreviver apenas em casas e apartamentos de luxo. Em apartamentos de três quartos, estes podem apresentar o alojamento para o empregado doméstico como opcional, podendo ser substituído, entre outros ambientes alternativos, por um pequeno escritório ou lavabo, demandando a presença de profissional para a execução do projeto de interiores. O quarto para dormir já não consta dos projetos de apartamentos menores, pois a mão de obra mensal vem sendo substituída pela diarista. Quanto à relevância do tema, é importante lembrar que a área de serviço e o alojamento do empregado –setor de serviços– foram, ao longo do tempo, relegados a um segundo plano na moradia brasileira. Pelas transformações pelas quais esses espaços passaram do fim da mão de obra escrava aos dias atuais, pela dinâmica no processo de morar e pelas novas tecnologias, tornaram-se alvo de projetos específicos, seja por designers de ambientes e ou arquitetos. Estes profissionais buscam a adequação desse setor para que possam abrigar o serviço doméstico e todos os serviços ali centralizados tornando mais fácil o dia a dia doméstico ou adaptar o quarto destinado à empregada doméstica às outras necessidades da família. Configuram-se, assim, em espaços que sofreram mutações relevantes ao longo do tempo e merecem ser estudados.

2. Revisão de literatura

A área de serviço e o alojamento de empregados na moradia brasileira: do século XVI ao século XIX

A colonização do Brasil teve início alguns anos após a chegada dos portugueses ao território descoberto. Nas décadas iniciais do século XVI, por meio de expedições à colônia com a missão de ocupar a terra, explorar o território e proteger o litoral, originaram-se as primeiras vilas do Brasil, em terras do atual estado de São Paulo. Quanto ao morar, o colono adotou, inicialmente, a maloca indígena. Levantada com varas e coberta com palhas ou palmas, ela acomodava uma centena de pessoas. Porém o português almejava um morar mais sólido e seguro e para tal adaptou as construções às condições oferecidas pelo local, aliando o conhecimento português e indígena, dando início à arquitetura colonial brasileira (Donato, 2005). Quanto ao trabalho doméstico, o português em um primeiro momento se valeu do índio que não se adaptou à colonização agrária, latifundiária açucareira em particular. O índio deu conta do trabalho servil abatendo árvores, transportando toros até as embarcações, granjeando mantimentos, caçando, pescando, defendendo os senhores contra os inimigos, guiando os exploradores através da mata. Mas, no momento em que o silvícola foi retirado de seu ambiente, desenraizado, não conseguiu adaptar-se (Freyre, 2000a).

Como o índio não correspondeu às exigências do novo regime de trabalho foi substituído pelo negro africano que, na primeira metade do século XVI, com a produção da cana de açúcar em especial no nordeste brasileiro, começou a ser comercializado para o Brasil.

A escravidão e a casa-grande canavieira fizeram parte da história da colonização do Brasil. A casa-grande, pertencente ao engenho, “com suas grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais” (Freyre, 2000a, p. 48), onde o colono residia, era, por questões defensivas, em geral, construída encosta acima. E bem junto de um corpo d’água pois o serviço da cozinha e as roupas a serem lavadas eram levados à água e “não a água levada à casa. Ao redor da moradia, monjolo para pilar o milho; moinho para moer o trigo; engenho de açúcar, que também produzia rapadura, mel-de-tacho, aguardente” (Donato, 2005, p. 93). Havia, também, o alojamento dos escravos, precário.

Assim, na propriedade rural canavieira, tendo o escravo como a mão de obra utilizada, era no terreiro que os afazeres domésticos ocorriam. Ali, entre outras atividades, eram alimentadas e cresciam as aves domésticas consumidas pela família, os escravos recebiam castigos, as crianças brincavam e festas religiosas eram comemoradas. Existia, ainda, espaço para que as escravas lavassem as roupas, quando estas não eram lavadas nos cursos d’água, e as quarassem sobre a relva (Veríssimo & Bittar, 1999). Com a formação de povoados, ainda no século XVI, os que tinham posses eram proprietários de duas casas, uma na vila, frequentada nas comemorações religiosas e a outra, a do sítio, onde morava (Donato, 2005). As casas construídas nas vilas, implantadas em lotes estreitos e profundos,

mantiveram fidelidade à arquitetura portuguesa (Lemos, 1989), embora tenham recebido a influência indígena e as adaptações locais. Em relação ao lote colonial urbano, quase um terço de sua área, no fundo, era reservada para o quintal onde a roupa da casa era lavada e quarada.

No século XVII a casa urbana continuou com a distribuição portuguesa tradicional. Os aposentos apresentavam no andar térreo um vestíbulo dando acesso à escada e ao corredor que levava ao quintal nos fundos da casa, onde também se guardavam animais e veículos. O quintal era amplo, sem demarcações, com hortas, chiqueiro e galinheiro próximos ao acesso da cozinha, pouco asseada. Sobrava ainda farto espaço para o trabalho escravo de lavar e quarar roupas nos gramados (Veríssimo & Bittar, 1999), e como se depreende, nada se alterou em relação aos serviços domésticos. Ainda no andar térreo, havia um quarto de hóspedes, às vezes uma loja, depósitos, local para os escravos e peças separadas para diversas tarefas domésticas. A senzala variava muito, sendo erguida com tijolos, madeira ou pedras, coberta de palha ou telhas. Algumas dispunham de divisórias internas, outras abrigavam apenas mulheres (Algranti, 1997). Podia, também, ser “uma construção forte, retangular, térrea tendo pouco mais do que o catre para dormir. Às vezes, nem ele. Havia uma porta só, e uma ou duas aberturas que não chegavam a ser janelas” (Donato, 2005, p. 163). Esse alojamento apresentava maior conforto apenas quando “destinado aos escravos domésticos e às escravas de dentro, que privam do contato com a família e, mais ainda, de favores sexuais para com o senhor. Aí já encontramos redes limpas, esteiras e algumas peças de mobiliário” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 125).

A descoberta do ouro e sua exploração em Minas Gerais, com o conseqüente desenvolvimento da região no final do século XVII e no decorrer do século XVIII –o período entre 1740 e 1760 corresponde ao auge da extração aurífera– coincidem com a crise do açúcar levando o português a desviar o seu olhar do canavial e voltá-lo para a mineração. A partir de então, pessoas de todo o território da Colônia –especialmente paulistas– de Portugal e das Índias, deslocaram-se para o novo Eldorado, somando-se a estes índios e negros. A capitania de Minas Gerais nasceu como a mais povoada do Brasil (Barbosa, 1979). Iniciou-se, deste modo, no grande afã minerário, a ocupação do território mineiro, com predomínio de vilas e povoados, em detrimento da vida rural. Em relação à moradia, “devido às ondulações do terreno, os partidos arquitetônicos se acomodaram aos imprescindíveis desníveis internos entre os vários pisos, que assim definiam aquelas casas de muitos sobrados, umas espremidas às outras” (Lemos, 1979, p. 91). As plantas, como nas demais regiões do Brasil, estavam condicionadas aos amplos “telhados de duas águas, aos espigões paralelos aos alinhamentos, às alcovas na zona central mais escura, às salas de frente e às varandas de fundo anexas às cozinhas em puxados e aos corredores” (Lemos, 1979, p. 91). Estes últimos funcionavam como “elementos de ligação do complexo habitacional à rua, ao chafariz, ao comércio” (Lemos, 1979, p. 93). Nessas casas, a varanda, aos fundos, é peça essencial. Em sua intimidade “acolhe os mais diversos que-afazeres e coisas. O fogareiro de brasa, a rede, as canastras imensas, os pirralhos nuzinhos,

as bordadeiras, o moleque de recados, o camarada que aguarda instruções, a bilha d'água fresca, a roupa por panar” (Vasconcellos, 1951, p. 74).

Nos declives do terreno surgiram os porões e neles foram instaladas as senzalas –encontradas, também, em prolongamentos posteriores da casa– os depósitos, as cocheiras, as pequenas indústrias caseiras e cozinhas. “Pelo acesso aos citados porões responsabilizam-se toscas escadas de mão, iniciadas em alçapões abertos nos pisos dos corredores ou mais sólidas e externas, servindo também aos quintais” (Vasconcellos, 1951, p. 134).

Na área rural, a casa-grande, mineira, fez-se isolada, nos terrenos acidentados das minas gerais. Os porões, daí decorrentes, nos desníveis dos terrenos, eram aproveitados para as senzalas que também podiam estar localizadas nos prolongamentos posteriores da fazenda (Vasconcellos, 1951).

As atividades de lavagem de roupas e louças, fossem nas vilas e povoados ou na área rural, carecendo da água para serem consumadas, foram mantidas, como no século anterior e no restante do Brasil, nas áreas de serviço externas à moradia ou nos cursos d'água, uma vez que as casas não possuíam água encanada. A água também era retirada pelos escravos de poços, cisternas e, nos povoados e vilas, dos chafarizes que, construídos com requinte artístico, embelezavam as comunidades.

Em relação aos costumes domésticos mineiros relacionados aos hábitos de limpeza do piso ou remoção da poeira e que dizem respeito à Vila Rica, esses podem ser extrapolados para as demais áreas ocupadas pelo colonizador, com os devidos ajustes na matéria prima utilizada. Para a varrição da casa utilizava-se a vassoura de capim espigado, também conhecido por capim vassoura ou vassourinha. Penas de pato e de peru amarradas em cana do reino ou pano grosso cortado em tiras amarradas em vara curta serviam de espanador. Já para a limpeza do terreiro utilizava-se vassoura confeccionada artesanalmente com guaxima, tipo de vegetação encontrada nos quintais (Cabral, 1969).

Com o esgotamento das minas de ouro, em fins do século XVIII, as vilas e os povoados estagnaram e pouco foi construído ao longo do século XIX nas aglomerações provenientes da febre aurífera, em Minas Gerais.

No início do século XIX, a vinda da corte portuguesa para o Brasil, que se torna imperial, trouxe novos ares para a arquitetura brasileira, inicialmente para a cidade do Rio de Janeiro, capital do país. Decreto-se o fim da arquitetura colonial e um novo estilo, o neoclássico, foi introduzido com a Missão Francesa que aqui chegou contratada pelo monarca português. Novas técnicas e manifestações artísticas foram introduzidas e a casa burguesa alterou-se ganhando novos ambientes (Lemos, 1979).

Apesar da difusão do novo estilo e de novas técnicas construtivas apenas com o tempo essas foram assimiladas, Brasil afora. Os construtores insistiram na tradição portuguesa, o sobrado. “As casas de gente bem reservavam o andar térreo para a loja ou o depósito; o segundo para a moradia familiar. Quando havia, o terceiro acomodava os escravos domésticos” (Donato, 2005, p. 262).

Todavia, o sobrado teve sua área e complexidade social reduzidas com reflexos na senzala que, além de perder área, teve a designação alterada. Então, jornais brasileiros

começaram a publicar anúncios de “‘casas de sobrado’ não mais com senzalas, porém com ‘casas para pretos’ ou ‘quartos para criados [sic] ou escravos’ ou ‘dependências’” (Freyre, 2000b, p. 263). Era o reflexo de um novo momento que pode ser explicado por hábitos e linguajar decorrentes da presença da corte portuguesa no Rio de Janeiro.

Quanto à casa assobradada de chácaras, por muito tempo essa manteve certas características, como reunir vantagens de casas nobres rurais e de sobrados nobres urbanos. Possuía bastante espaço, plantação, água, escravaria, animais, para produzir quase o suficiente para sua alimentação e gozo (Freyre, 2000a). É possível inferir que ali, os alojamentos para escravos, o lavar e quilar em quintais, o varrer e retirar o pó doméstico reproduziram as características já descritas e que se repetiram, com pequenas variações, em todo o território brasileiro colonizado pelo português.

Em relação à Minas Gerais, a situação de decadência e atraso prolongou-se até 1860, quando surgiu uma nova oportunidade de crescimento: o café. Viu-se nesse produto uma chance de resgatar as riquezas dos tempos do ciclo do ouro (Carneiro, 1998). O café encontrou boas condições de clima e solo para seu desenvolvimento não apenas em Minas Gerais, mas também em São Paulo e Rio de Janeiro, propiciando a alteração do poder aquisitivo da população, o que fez surgir os barões do café, responsáveis por uma nova arquitetura no médio Parafba. Mas o setor de serviços, externo à moradia principal, foi mantido. A sede da fazenda cafeeira compreendia “construção alta, esparramada, largos alpendres..., varandas amplas, dezenas de quartos, salões. Fora: paiol, curral, casa dos carros e das máquinas, do administrador, do feitor, a senzala e depois a colônia, o terreiro atijolado ou ladrilhado para a secagem, a capela [...]”, de acordo com Plínio Salgado (s. d., [sem paginação], citado por Donato (2005, p. 290).

Ao longo do século XIX, a casa brasileira conservou o seu quintal como o espaço destinado aos serviços com suas árvores frutíferas, galinheiros e escravos. Em fins daquele século, o país já era uma República e com a abolição da escravidão em 1888, a casa rural e a urbana, cujo funcionamento dependia do escravo, tiveram o tamanho reduzido e a configuração física e o funcionamento alterados sendo o setor de serviços, neste momento, significativamente impactado (Veríssimo & Bittar, 1999). As transformações decorrentes da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, vieram completar, de forma irreversível, as mudanças no setor de serviços da casa brasileira.

A Revolução Industrial e as novas tecnologias para o setor de serviços residencial

No século XVIII, a Revolução Industrial acarretou um conjunto de transformações econômicas, sociais e tecnológicas na Inglaterra. As formas de produção, alteradas, cederam lugar à indústria e à produção em série e a partir do século XIX, o que era até aquele momento um fenômeno localizado começou a se expandir para outros países. Entre as mudanças marcantes, decorrentes da Revolução industrial, destacaram-se o rápido crescimento das cida-

des e o incremento de doenças decorrentes da inexistência de salubridade nessas aglomerações. A melhoria das condições de saúde da população foi possível, em meados do século XIX, com a introdução de infraestrutura básica nas áreas densamente povoadas. Isto se tornou real com a produção, pelos ingleses, de tubulação de pó de pedra para esgotos e aquedutos (Heskett, 1998) bem como de encanamentos de ferro fundido atendendo à demanda por esgotos e água encanada (Costa, 2001). Seguiu-se a produção de sanitários domésticos em designs diversos, entre outras peças de ferro fundido, permitindo que os dejetos humanos fossem descartados adequadamente afetando diretamente o setor de serviços das moradias. Outro domínio fundamental permitindo a criação de novas tecnologias para o setor de serviços foi a energia elétrica que, além da sua relação com a produção industrial, passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, ao findar do século XIX. Tudo isto levou ao redesenho do setor de serviços destacando-se, entre as principais inovações voltadas para essa área e que geravam economia de tempo, os primeiros aparelhos destinados aos serviços de limpeza e lavagem de roupas, objetos do design no século seguinte.

Sem intenção de esgotar todo o conteúdo relacionado às novas tecnologias para o setor de serviços, citam-se os modelos de aspirador de pó operados manualmente, que foram inventados do século XIX para o XX, variando em dimensão e eficácia, pois levantavam poeira e ao contrário de coletá-la mudavam-na de lugar. Um dos modelos que apresentou melhor resultado foi patenteado em 1876, nos Estados Unidos. O seu design veio resolver o problema com as escovas que giravam num cilindro sobre rodas no interior de uma caixa de madeira fechada onde se reunia a poeira. Em 1908, também nos Estados Unidos, foi patenteada uma máquina à qual, adotando nova tecnologia mas derivando de aspirador manual já existente, foi associada a sucção elétrica tornando-se um dos modelos do aspirador a vácuo. Os primeiros modelos, eficientes, utilitários na aparência, possuíam o motor saindo verticalmente da caixa, situação que se alterou nos anos 1930 quando novo design deixou o motor invisível. Mas o grande sucesso coube aos aspiradores suecos (aperfeiçoados pela Electrolux) que se constituíam num “cilindro horizontal com mangueira flexível para o bocal da aspiração”, pois aspiravam superfícies verticais e objetos diversos. Esse modelo levou os americanos a criarem uma variedade de acessórios para seus aspiradores visando competir com o exemplar sueco (Heskett, 1998).

Desenvolveu-se, também neste contexto, a máquina de lavar roupa, tendo os Estados Unidos, nos anos 1930, assumido a liderança na produção. Encontradas, de início, sob a forma de grandes mecanismos montados numa estrutura aberta de aço, as primeira lavadoras foram substituídas por modelo cujo mecanismo foi encerrado em chapas de aço esmaltadas, assumindo a forma das caixa dos fogões e refrigeradores (Heskett, 1998).

A etapa posterior à lavagem de roupa, ou seja, passa-la, também foi transformada com o advento dos ferros elétricos que, pequenos e com preço acessível, foram, quase certamente, dos primeiros utensílios elétricos adotados. Um catálogo de 1896 (AEG), divulgava oito modelos de ferros elétricos sendo o design inicial voltado para as

lavanderias comerciais. “A transição para a produção em massa voltada para o uso doméstico só ocorreu em 1912, quando a *American Heater Company de Detroit* anunciou seu modelo barato “*American Beauty*” (beleza americana)” (Heskett, 1998, 157). Inovações técnicas fizeram chegar ao mercado o ferro a vapor e o ferro com borrifo de vapor (da General Electric), lançado em 1957.

No Brasil, embora tardiamente em relação ao contexto mundial, a industrialização e a modernização econômica tiveram início ainda no século XIX (Figueira, 2003). Então, entre as mudanças significativas na vida doméstica no país, fruto da Revolução Industrial, destacaram-se o saneamento básico e a energia elétrica, ambos reportados ao século XIX.

As tubulações de pó de pedra bem como encanamentos de ferro fundido possibilitaram dotar as cidades e as residências de água potável encanada e serviços de esgoto. Entre 1849 e 1855, em Ponta de Areia, a primeira siderúrgica brasileira (de propriedade do Visconde de Mauá) participou da fabricação e colocação dos tubos de ferro para o abastecimento de água e rede de esgotos, no Rio de Janeiro (Cardoso, 2008). Belo Horizonte, ao ser inaugurada em 1897, com o nome de Cidade de Minas, também foi contemplada, na área planejada, com projeto voltado para os serviços de distribuição de água e esgoto visando, entre outros aspectos, as condições de higiene e saúde da população local. Sintetizando, nas primeiras décadas do século XX, capitais brasileiras já eram, ainda que parcialmente, atendidas pelo sistema de abastecimento e esgotamento sanitário, com grande impacto na área de serviços.

Ao mesmo tempo que se dotava as cidades de redes de saneamento, foram introduzidas, entre os anos de 1860 e 1890, as instalações hidráulicas domésticas, louças e outros aparelhamentos que, comportando o trabalho do designer, iriam transformar, além das instalações sanitárias, o setor de serviços residencial (Cardoso, 2008). Nas áreas beneficiadas, não se precisava mais levar a roupa à água, pois as instalações hidráulicas levavam a água até o interior das moradias.

Com a instalação, no fim do século XIX, dos serviços de eletricidade urbano e domiciliar no Brasil, começaram a ser importados os primeiros eletrodomésticos cuja invenção ocorrera anos antes.

Quanto ao anúncio dos eletrodomésticos no país, há registro dos mesmos desde o início do século XX, principalmente a publicidade relacionada aos ferros de passar elétricos, importados, que vieram substituir os ferros aquecidos com carvão em brasa, e cuja nacionalização só veio a ocorrer nos anos pós Segunda Guerra Mundial (Brito, 2001).

As vassouras de fibra vegetal e os espanadores de penas de animais ou trapos, gradativamente, cederam espaço para o aspirador de pó elétrico. Desejado pelas donas de casa, desde que aportou no Brasil, o aspirador de pó era um eletrodoméstico pesado e caro. Caso, por exemplo, de modelo de aspirador de pó (Electrolux) que chegou ao país em sua primeira versão em 1912, pesando cerca de 14 quilos. Com o tempo reduziram seu tamanho, tornando-o mais leve e, como consequência, de utilização mais fácil (Brito, 2001).

O mesmo ocorreu com o pesado escovão que foi substituído pela enceradeira que possuía jogo de escovas com a

função de raspar, encerar e lustrar. Esta, no entanto, para o uso doméstico, já não tem a importância que tinha até alguns anos atrás em decorrência de produtos químicos para o piso que produzem automaticamente o brilho logo após a aplicação.

No que diz respeito à importação e comercialização de eletrodomésticos em solo brasileiro, o seu comércio só foi ampliado no país a partir de 1930, ano em que se deu o lançamento mundial da primeira lavadora de roupa (General Electric) para uso residencial (Brito, 2003). Mas, com a Segunda Guerra Mundial ocorreram, concomitantemente, a necessidade de substituição da importação de produtos industrializados e a ampliação do parque industrial no país. A partir de então, entre outros eletrodomésticos, as lavadoras de roupa e os aspiradores de pó passaram a ser produzidos no Brasil e, em 1945 foi lançada a primeira secadora de roupa (Brastemp) nacionalizada (Brito, 2003).

Propaganda dos anos 1960, de máquina de lavar criada nos Estados Unidos, reflete e convida à essa nova realidade:

BENDIX, a máquina de lavar mais vendida em todo o mundo! Lavando sozinha toda a roupa da família. Bendix eliminou a mais árdua tarefa doméstica, deixando tempo livre para afazeres mais produtivos. Bendix dispensa a lavadeira, e, portanto, paga-se a si mesma (Bendix, 1960, p. 11).

É importante lembrar que, há algumas décadas fabricados no Brasil, são encontrados eletrodomésticos cujo design é brasileiro (Brastemp e C&S) e nos quais foram levados em consideração aspectos da cultura regional (Cardoso, 2008). É relevante fazer referências ao design brasileiro do grupo Multibrás, que fabricava eletrodomésticos das marcas Brastemp e C&S. Equipe dedicada aos projetos dos produtos daquelas marcas acompanhou a consolidação da Multibrás e sua absorção pela Whirlpool Internacional. A empresa multinacional, por sua vez, manteve o setor brasileiro de design em atividade e chegou a exportar projetos brasileiros para serem fabricados em subsidiárias da Whirlpool, visando atender ao mercado europeu e africano, conforme Gama Junior (palestra, 30 de outubro de 2003, citado por Cardoso, 2008) e Leon (2005, citado por Cardoso, 2008).

Os modelos atuais do aspirador de pó, comercializados por preço acessível no país, ao diminuírem de tamanho, podem ser diminutos, leves e terem um design que associa a facilidade do manuseio e da guarda. Além desses aspectos, são encontrados no mercado, entre outras marcas, modelos com funções diversas, que atendem ao cotidiano das moradias brasileiras, tais como sucção para água e pó: aspirador híbrido, fica no Brasil a única unidade (Electrolux) responsável por sua fabricação. Há, também, modelos com filtros que purificam o ambiente e eliminam os ácaros. Os modelos automáticos, sem fios e sem ruído, movimentados por controle remoto, lançados no Brasil em 2001 (Electrolux), são uma realidade disponível para o consumidor (Cem anos sem poeira, 2012). E, o robô aspirador (iRobot Roomba) que, eliminando a mão de obra humana na aspiração do pó, por possuir um compartimento maior e com novo design para depósito

da sujeira, necessita ser esvaziado um número menor de vezes. Sendo um disco sobre rodas com sensores que ajustam-se automaticamente aos diferentes tipos de piso enquanto circula pelos ambientes evita obstáculos enquanto detecta a poeira.

Em síntese, com o passar do tempo as máquinas que auxiliam nos serviços domésticos sofreram adaptações sendo criados modelos menores, assim como ocorreu com os aspiradores de pó e, conseqüentemente, demandando espaço menor para o manuseio e a guarda. Surgiram mini lavadoras portáteis, secadoras e lavadoras multiuso, que possibilitam lavar, secar e lavar a seco em um único aparelho. Nos dias atuais, a tudo isso, acrescentam-se as facilidades proporcionadas pela automação residencial.

3. Desenvolvimento

Metodologia

Foram realizadas pesquisas documental, incluindo hemerotecas, e bibliográfica com revisão de literatura e pesquisa de campo. Esta última ocorreu em Belo Horizonte, com o intuito de verificar a evolução da área de serviços, das primeiras casa construídas na capital mineira até as transformações recentes no referido setor, particularmente, nos prédios de apartamentos.

Resultados

Como consequência da Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX, a economia industrial principiou a chegar ao Brasil. No entanto, mais desenvolvida em outras terras, já apresentava superação quanto à técnica. “É que, baseada até aqui na máquina a vapor e no carvão mineral, volta-se agora para uma recente descoberta científica e para suas consequências tecnológicas: o eletromagnetismo, a eletricidade, o dínamo produtor de eletricidade, os motores elétricos, a lâmpada elétrica” (Energia elétrica no Brasil, 1977, p. 51).

Começaram, ainda, a chegar ao país ou a ser fabricadas localmente, de modo incipiente, as tubulações que permitiram iniciar o saneamento das cidades e atender às residências com serviços de água e esgoto, como já foi dito. O fim do século XIX trouxe, também, ao Brasil, correntes migratórias que executaram, inclusive, atividades domésticas destinadas, anteriormente, à mão de obra escrava.

Entretanto, foi a gradual ampliação do uso da eletricidade no século XX e os novos inventos dela decorrentes, com a Revolução Industrial, associados ao fim de uma sociedade escravocrata que propiciaram a reorganização espacial da moradia brasileira. “A eletrificação das casas provocou grandes mudanças na privacidade e na ampliação do conforto doméstico, promovendo a criação de novos hábitos e comportamentos sociais” (Brito, 2001, p. 240). De fato, desde meados do século XIX era possível encontrar no Brasil maquinismos voltados para simplificar os trabalhos domésticos. Eram movidos pelo usuário ou necessitavam de máquinas a vapor ou, ainda, de grandes e ruidosos geradores elétricos. Assim, foi a chegada dos

pequenos motores elétricos que revolucionou o dia a dia das residências a partir da segunda década do século XX, quando esses se tornaram acessíveis também para os segmentos de renda média da sociedade (Brito, 2003). Adentrando o século XX, as casas brasileiras contando, muitas vezes, com apenas uma empregada doméstica, “que fazia de tudo, mas, primordialmente cozinhava, os lares foram se organizando de modo algo diferente quanto à disposição dos compartimentos” (Lemos, 1979, p. 129). A mão-de-obra assalariada que, morando no local de trabalho, requeria alojamento em melhores condições, ganhou quarto e banheiro, com acesso independente (Veríssimo & Bittar, 1999). Construído fora do corpo principal da construção, na lateral da casa ou no fundo do terreno, e contendo ainda espaço para o tanque, este puxadinho deu origem ao emprego da palavra *edícula* para designá-lo (Lemos, 1978).

Em Belo Horizonte, anúncios para venda e aluguel de imóveis, publicados pela imprensa, retratavam a nova realidade e mencionavam nomenclatura variada para designar o alojamento dos empregados que poderia abrigar uma ou mais empregadas como cozinheira, copeira, arrumadeira, serviços gerais, sem falar no motorista das famílias abonadas. Quanto ao espaço para dormir, ora se referiam a ele como “dependência para empregada”, ora “barracão para empregados”, “instalação [*sic*] para empregados” ou “quarto para empregada” conforme pesquisa realizada em cadernos de anúncios de jornais da época (Pequenos anúncios, 1938, 1940). Os termos para se referir ao espaço reservado para o empregado doméstico podem ser distintos nos diversos anúncios mas caracterizam as mudanças ocorridas na vida doméstica daquele momento.

Como curiosidade, é interessante mencionar que anúncios na imprensa, publicados nas primeiras décadas do século XX, relacionados à venda e aluguel de casas em Belo Horizonte, indicavam a existência, no quintal, de área apropriada para a guarda da lenha que, entre outras finalidades, era utilizada no ferro aquecido com brasas e no fogão a lenha.

Os palacetes, por sua vez, continuaram a apresentar os grandes quintais com a lavanderia, ambiente mais sofisticado que a área de serviço, a garagem, a oficina e, também, os aposentos para o motorista (Veríssimo & Bittar, 1999). O automóvel, fruto da Revolução Industrial, era uma realidade, naquela ocasião, para poucos.

Em relação aos edifícios de apartamentos, estes surgiram por volta dos anos 1920, quando as cidades brasileiras começaram a se verticalizar e com eles ocorreram inúmeras alterações na área de serviço. Em lugar do quintal onde se quarava e se secava a roupa à luz do sol foi criado um espaço com tanque e local para se passar a roupa, a área de serviço, como é conhecida hoje.

Na capital mineira, que começou a verticalizar-se nos anos 1930, a área de serviço dos apartamentos era um ambiente amplo, conectado com a cozinha e associado ao alojamento da empregada doméstica, o quarto e banheiro (Pequenos anúncios, 1939). Apartamentos de um quarto, além de uma área de serviço generosa, tinham a sua dependência para o empregado.

Por volta de meados do século XX, a moradia, particularmente a residência da classe média brasileira –nas casas

e apartamentos estabeleceram-se novos critérios de organização dos ambientes, agora setorizados– há muito sem o trabalho escravo e sob o impacto das novas tecnologias, presenciou a redução das áreas construídas, com reflexos no setor de serviços. Quintais, cada vez menores, cederam lugar às lavanderias das casas mais ricas, como já foi dito, ou às pequenas áreas cimentadas com tanque e varal, as áreas de serviço das casas da maior parte da população brasileira que hoje tem no tanquinho, principalmente, e na máquina de lavar seus grandes aliados.

Nos anos 1980, em apartamentos destinados à classe média, a área de serviço, cada vez menor, é apenas um “prolongamento da cozinha, onde mal cabe um pequeno tanque de louça sob as roupas que recebem continuamente os vapores e odores dos fogões”, relatam Veríssimo & Bittar (1999, p. 124). Adaptadas aos apartamentos, compactas, ainda guardam produtos químicos e eletrodomésticos capazes de suprir a mão de obra no lavar e o sol no secar além do espaço destinado para passar as roupas. Quanto à mão-de-obra, esta foi substituída pelo tanquinho, a máquina de lavar e de secar. São produzidas no Brasil e compradas em prestações mensais. Quando possível, uma passadeira diarista executa o trabalho mais árduo, na “área abafada –sob as roupas penduradas em varais de alumínio, embuchados nos tetos rebaixados” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 123).

É importante lembrar que junto com as lavadoras de roupa adotaram-se “novos agentes químicos de limpeza industrializados, os quais se tornaram então também uma necessidade, uma vez que nos novos apartamentos era praticamente impossível secar as roupas ao sol, anteriormente o principal agente saneador e branqueador” (Brito, 2003, p. 325).

Hoje, em Minas Gerais, especificamente em Belo Horizonte, com a diminuição da área dos apartamentos em todas as categorias, não apenas naqueles de padrão simples, reduziram-se também os espaços destinados ao setor de serviços, atingindo tanto a área de serviço propriamente dita quanto o quarto da empregada doméstica. Este, por apresentar, ao longo do tempo, sua área reduzida e fora dos padrões mínimos para um quarto, nos projetos arquitetônicos é identificado como depósito e tende a desaparecer. Segundo Moreira (2013) a área dos apartamentos lançados recentemente no mercado belo-horizontino vem sofrendo redução, estando cerca de 25% menor do que há 40 anos atrás. “Nas unidades de três dormitórios, não ter dependência completa de empregada virou regra. Só a ausência do quartinho representa uma redução de quase quatro metros quadrados” explica Moreira (2013, p. 32). É interessante observar que a eliminação do alojamento de empregados ocorre concomitante com a substituição da doméstica que dorme no emprego pela diarista. Nos apartamentos mais antigos constata-se, também, a eliminação do quarto para a empregada doméstica, até então construído junto da área de serviço e da cozinha. Esse espaço, por intermédio de arquitetos e designers de interior, vem sofrendo adaptações e, em função das necessidades do morador, além da possibilidade de ter sua área integrada a outros ambientes da habitação, ampliando-os, é transformado, por exemplo, em pequeno escritório, sala de leitura ou mesmo um lavabo (Letícia, 2012).

Nas residências que mantêm a dependência de empregada, verifica-se, também, uma nova abordagem em relação ao espaço que hoje é visto como um ambiente que deve ser confortável e adaptável tendo se tornado objeto do trabalho do designer de ambientes. E, objeto também de reportagens que versam sobre o tratamento que o espaço vem recebendo pelo profissional da área do design. O planejamento desses quartos, do seu mobiliário, por meio da marcenaria inteligente, por exemplo, é uma sugestão de designers e arquitetos de interiores. Deve-se tirar partido, ao máximo, do pequeno espaço e complementarmente lançar mão da tecnologia disponível (Letícia, 2012).

A abordagem do profissional da área do design de interiores ocorre, com maior ênfase, em relação à área de serviço, que deve ser planejada para que comporte eletrodomésticos, produtos químicos e atividades afins com o lavar, secar, passar além de armazenar aparelhamentos e produtos de limpeza, tornando-a funcional. Intervenções por meio de projetos nesse espaço, com móveis planejados visando a organização de objetos, roupas e cabideiros nos armários, por exemplo, visam racionalizar o seu aproveitamento.

Em síntese, arquitetos e ou designers de ambientes, em anos recentes, estão sendo demandados para a adequação do *layout* e do detalhamento de projeto do setor que abriga a área de serviço e a dependência para a doméstica tornando-o funcional e esteticamente agradável. Propostas para esses espaços, com sugestões de materiais e acabamentos alternativos para o local, são apresentadas em diferentes mostras brasileiras de design de ambientes, arquitetura e decoração, tais como a Casa Cor (Casa Cor Minas Gerais, 2008) e Morar Mais Por Menos (Morar Mais Por Menos Belo Horizonte, 2011), situação que não recorda em nada a época do Brasil colonial. É importante lembrar das reformas a que estão sendo submetidos os apartamentos em Belo Horizonte, quando o quarto para a auxiliar do lar, substituída pela diarista, já não é mais necessário. Este é transformado em escritório ou lavabo entre outras possibilidades relacionadas ao dia a dia do proprietário do imóvel.

4. Considerações finais

A moradia brasileira passou a apresentar rearranjos em sua organização espacial a partir do fim do século XIX, não apenas com a abolição da escravidão mas em decorrência dos frutos da Revolução Industrial. Então, tornou-se possível dotar as residências de água e esgoto encanados, de energia elétrica e aparelha-las com os eletrodomésticos causando grande impacto no setor de serviços.

Atividades rotineiras, como o lavar a roupa, associadas à água encanada e à eletricidade, tornaram-se mecanizadas. Ou seja, aparelhos eletrodomésticos provocaram uma verdadeira transformação na área de serviço, hoje, consideravelmente reduzida nos apartamentos. Assim, o planejamento do *layout* e detalhamento desse espaço tornou-se uma necessidade para adequá-lo às atividades e aos equipamentos que vieram dar suporte às atividades de lavagem, secagem, passagem e armazenamento da moradia.

Para abrigar a mão-de-obra assalariada que morava no local de trabalho foi criado o quarto e banheiro com acesso independente em relação à moradia principal, situação que hoje é encontrada nas casas e ou apartamentos de moradores com situação financeira privilegiada.

Apartamentos menores, caso de Belo Horizonte, passaram a ser oferecidos no mercado apenas com a instalação sanitária anexa à área de serviço. O antigo depósito, nome dado ao alojamento do empregado doméstico, já não consta dos projetos recentes. E, tendência atual, esse espaço, quando existente, passa a ter finalidades outras como a integração à sala de jantar, ou pequeno escritório, entre diferentes soluções de projetos.

Enfim, espaços relegados ao desleixo durante um bom número de séculos passaram a demandar designers e arquitetos de interiores para projetá-los ou adaptá-los às novas necessidades ou funções. Projetos para o setor de serviços, incluídos aí a área de serviço e o quarto para a empregada que dorme no emprego, são apresentados por meio da mídia e em mostras de arquitetura, design de interiores e decoração brasileiras.

Referências

- Algranti, L. M. (1997). Famílias e vida doméstica. In: Novais, F. A. (coord.); Souza, L. de M. e (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa* (pp. 83-154, Coleção História da vida privada no Brasil). São Paulo: Companhia das Letras: 1997.
- Barbosa, W. de (1979). A. *História de Minas*. Belo Horizonte: Comunicação.
- Bendix. Anúncio publicitário. (1960, 6 de março). *Estado de Minas*. p. 11.
- Brito, M. E. (2001). *A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)*, Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil.
- Brito, M. E. (2003). *A vida cotidiana no Brasil nacional: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)*. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil.
- Cabral, H. B. da S. (1969). *Ouro Preto*. Belo Horizonte: [s. e.].
- Cardoso, R. (2008). *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Editora Blucher.
- Carneiro, M. D. M. (1998). *Ecletismo, uma ironia romântica: estudo da arquitetura doméstica em Belo Horizonte 1897/1940*. 1998. Dissertação de Mestrado, Escola de Arquitetura, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Casa Cor Minas Gerais 2008. Recuperado em 30 de janeiro de 2014, de <http://casa.abril.com.br/materia/casa-cor-minas-gerais-2008>.
- Cem anos sem poeira (2012, 22 de agosto). Caderno feminino & masculino. História. *Estado de Minas*. p. 8.
- Donato, H. (2005). *História de usos e costumes do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos.
- Energia elétrica no Brasil - da primeira lâmpada à Eletrobrás (1997). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora.
- Figueira, D. G. (2003). *História*. São Paulo: Ática.
- Freyre, G. (2000a). *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record.
- Freyre, G. (2000b). *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: Record.
- Heskett, J. (1997). *Desenho industrial*. (F. Fernandes, trad.). Rio de Janeiro: José Olympio.

- Imovelweb. Apresenta como projetar uma área de serviço eficiente. Recuperado em 11 de outubro de 2008, de http://yahoo.imovelweb.com.br/web/editorial/ver_artigo.aspx?ArtigoId=3977.
- iRobot. Apresenta produtos comercializados pela iRobot. Recuperado em 10 de janeiro de 2014, de <https://www.irobot.com.br/roomba-aspirador-robo/irobot-roomba-620-robo-aspirador.phtml>.
- Lemos, C. A. C. (1976). *Cozinhas etc.* São Paulo: Perspectiva.
- Lemos, C. A. C. (1979). *Arquitetura brasileira.* São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo.
- Lemos, C. (1989) *História da casa brasileira.* São Paulo: Contexto.
- Letícia, J. (2011. 10 de abril). Ordem na lavanderia. [Megaclassificados. Imóveis]. *Estado de Minas.* pp. 17-18.
- Letícia, J. (2012, 2 de setembro). Livre dependência. [Megaclassificados. Lugar certo]. *Estado de Minas.* pp. 17-19.
- Letícia, J. (2011, 10 de abril). Ordem na lavanderia. [Megaclassificados. Imóveis]. *Estado de Minas.* p. 17-18.
- Morar Mais por Menos Belo Horizonte, 2011. Recuperado em 3 de fevereiro de 2014, de http://wap.casaeimoveis.uol.com.br/album/morar_mais_bh_2011_gustavo_xavier-f19.htm
- Moreira, I. (2013, outubro). Lar pequenino lar [Mercado imobiliário]. *Veja BH.* Ano 2, n. 44, pp. 30-33.
- Pequenos anúncios. (1938, 3 de novembro). *Estado de Minas,* p. 6
- Pequenos anúncios. (1940, 11 de maio). *Estado de Minas.* p. 6.
- Pequenos anúncios (1939, [mês não encontrado]), *Folha de Minas,* p. 8.
- Silva, M. B. N. (1994). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil.* São Paulo: Verbo.
- Vasconcellos, S. de. (1951). *Arquitetura particular em Vila Rica.* Belo Horizonte: [s. e.].
- Vasconcellos, S. de. (1977). *Vila Rica.* São Paulo: Perspectiva S.A.
- Vasconcellos, S. de. (2004). Sylvio de Vasconcellos: *arquitetura, arte e cidade: textos reunidos.* Organização de Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: Editora BDMG Cultural.
- Veríssimo, F. S.; Bittar, W. S. M. (1999). *500 anos da casa no Brasil.* Rio de Janeiro: Ediouro.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais / FAPEMIG / MG / Brasil e à Universidade do Estado de Minas Gerais / UEMG / MG / Brasil.

À Marília Ávila Carvalho, co-orientadora da pesquisa, Professora Mestre da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. À Sâmara Pereira de Araújo, estudante do Curso de Design de Ambientes da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (Bolsista PIBIC / UEMG / FAPEMIG) e Aletusa Felipe Rosa, estudante do Curso de Design de Ambientes da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (Voluntária), hoje graduadas.

Resumen: El artículo aborda el tratamiento del sector de servicios (exceptuando la cocina) en la vivienda brasileña. El objetivo es conocer su evolución desde el Brasil colonial, sus impactos y necesidades. Se supone que este sector comenzó a ser rediseñado a finales del siglo XIX, no sólo debido al fin de la esclavitud, que trajo aparejado una nueva forma de vivir, sino como consecuencia de tecnologías destinadas a los servicios diarios, fruto de la Revolución Industrial. En cuanto a la relevancia del asunto, el sector de servicios fue un espacio residencial desprestigiado que con el tiempo sufrió alteraciones y se convirtió en objeto de proyectos de diseñadores de interiores y arquitectos.

Palabras clave: Sector de servicios - Evolución - Vivienda - Necesidad - Diseño - Diseño de interiores.

Abstract: The article deals with the service sector (except the kitchen) in Brazilian housing. Knowing its evolution from colonial Brazil, its impacts and needs, that is the objective. It is assumed that this sector began to be redesigned at the end of the 19th century, not only due to the end of slavery, which brought a new way of living, but as a result of technologies for daily services, the result of the Industrial Revolution. As for the relevance of the matter, the service sector was a discredited residential area that over time suffered alterations and became the object of projects of interior designers and architects.

Keywords: Service sector - Evolution - Housing - Need - Design - Interior design.

(*) **Sônia Marques Antunes Ribeiro.** Professora Mestre da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais; Departamento de Contextualização e Fundamentação / DECF; Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Ergonomia (ED/UEMG-CPqD). Pesquisadora, orientadora e coordenadora da pesquisa.